

World Apostolic Congress on Mercy
Congresso Apostólico Mundial da Misericórdia

MISERICÓRDIA, CARISMA E MISSÃO

Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ

Abreviações:

DM – encíclica *Dives in misericordia*, João Paulo II.

DCE – encíclica *Deus caritas est*, Bento XVI.

DAp – *Documento de Aparecida*, CELAM.

Introdução

No imenso tesouro do Evangelho, a misericórdia é como uma gema preciosa: sólida e delicada ao mesmo tempo; verdadeira e transparente na sua simplicidade; brilhante pela vida e alegria que difunde. Compaixão, solidariedade, ternura e perdão são como seus ângulos de polimento, por onde se reflete – em raios coloridos e acessíveis – o amor regenerador de Deus. Nas páginas da Bíblia, a misericórdia se traduz em resgate, cura, abrigo, libertação, sustento, proteção, acolhida, generosidade e salvação – tão marcantes na caminhada do Povo de Deus, da Primeira à Nova Aliança. No decorrer dos séculos, a comunidade cristã tem atualizado esta experiência em novos contextos, lugares e relacionamentos. A liturgia a celebra; a prece a invoca; a pregação a proclama; os místicos a enfatizam; o magistério a propõe; as obras a cumprem.

Antiga e sempre nova, a misericórdia alcançou o Terceiro Milênio como bem-aventurança, profecia e terapia. Como bem-aventurança, a misericórdia aproxima o Reino de Deus das pessoas, e as pessoas do Reino de Deus. É prática que dignifica o ser humano: tanto quem a dá, quanto quem a recebe. Está repleta de gratuidade e alegria, como disse Jesus: “Felizes os misericordiosos, pois alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). As obras de misericórdia são também profecias da justiça do Reino, que supera toda fronteira de raça, credo ou ideologia: diante da humanidade ferida e carente, somos servidores da vida e da esperança, dentro e fora da Igreja, para crentes e não-crentes, afim de que “todos tenham vida e vida em plenitude” (Jo 10,10). Jesus nos indicou o exemplo do bom samaritano (considerado herege e estrangeiro) para mostrar a todos que a misericórdia não aceita fronteiras! Enfim, a misericórdia é também terapia: compaixão que restaura, toque que regenera e cuidado que aquece. As obras de misericórdia têm eficácia curadora: socorrem nossa humanidade ferida pelo pecado e pelo desamor, restaurando em nós a imagem do Cristo glorioso, para que suas feições resplandeçam na nossa face, na face da Igreja, na face de toda a humanidade redimida.

João Paulo II indicou esta experiência de bem-aventurança, profecia e cura como caminho da nova evangelização. Ele reafirmou que a misericórdia é missão da Igreja e instituiu sua comemoração, à luz do mistério pascal. Além disso, desdobrou os vários aspectos da misericórdia no conjunto de suas catequeses e a testemunhou nos gestos concretos e históricos de seu pontificado – especialmente no âmbito do Grande Jubileu do Ano 2000. Quem não recorda, com emoção, a Liturgia de Perdão pelas Culpas do Passado que ele presidiu no dia 12 de março do ano 2000? O abraço aos irmãos de outras Igrejas e Comunidades cristãs, por ocasião da Abertura da Porta Santa Ecumênica? O seu olhar paterno que acalentava as crianças e os jovens, os pobres e os enfermos, os peregrinos e os refugiados?

Hoje, nossa geração é herdeira deste tesouro. Inspirados pelo Evangelho e sob o sopro do Espírito Consolador – o amor divino em Pessoa – muitos entre nós

têm marcado sua vida, vocação e apostolado com o selo da misericórdia. Alguns, descobrindo-a com particular devoção, a exemplo de Irmã Faustina Kowalska. Outros, provando-a e testemunhando-a na sua vida familiar, pastoral e profissional. Outros, ainda, discernindo-a como valor carismático específico, em comunidades missionárias ou consagradas de diferentes estilos. A diversidade de vivências reflete a variedade de toques que a misericórdia nos oferece, conforme a multiforme graça de Deus (cf. 1Pd 4,10). Embora trilhando caminhos diversos, participamos do mesmo discipulado e bebemos da mesma fonte: o amor misericordioso de Deus acolhido como graça e missão, revelado nas Escrituras e proposto ao nosso seguimento pelo Mestre de Nazaré.

1. NO CORAÇÃO DO EVANGELHO

Se a compaixão é um sentir que nos co-move na direção do próximo, a misericórdia se caracteriza como gesto que realiza este sentir solidário. Na compaixão temos um sentimento que mobiliza (*motus*); na misericórdia temos o exercício deste sentimento (*opus*). Daí os verbos *cumprir*, *mostrar*, *fazer* e *agir* – que expressam a eficácia do amor misericordioso humano e, sobretudo, divino (cf. Êx 20,6; Sl 85,8; Lc 1,72 e 10,37). A misericórdia tem caráter operativo: é amor em exercício de salvação¹. Se o amor é a *qualidade essencial* de Deus (própria do ser divino); a misericórdia é este mesmo amor exercitado para com a criatura humana, revelando a *qualidade ativa* de Deus (própria do agir divino). Assim, a misericórdia se mostra muito mais na experiência, do que na conceituação teológica, catequética ou espiritual. E ainda que tal experiência se revista de beleza, o lar da misericórdia não é a poesia, mas a solidariedade. Seu órgão vital não é o coração, mas as mãos: erguem o caído, curam o ferido, abraçam o peregrino, alimentam o faminto.

a) Amor entranhado e eficaz

Sempre carregadas de eficácia, três expressões traduzem misericórdia na Bíblia: *graça*, *piedade* e – a mais impressionante – *útero* ou *entranhas*².

■ O termo *graça* provém das experiências do favor divino, quando Deus socorre e ampara a pessoa, apesar de seu pecado e desmerecimento (*hesed*, *éleos*). O que motiva esse amor gratuito e favorável de Deus? Sua radical *paternidade*: “Com efeito, tu és nosso pai. Ainda que Abraão não nos reconhecesse e Israel se esquecesse de nós, tu, lahweh, és nosso pai” (Is 63,16)³. Pois Deus permanece

¹ Cf. *Dives in misericordia* 21-32.

² Cf. CANCIAN, Domenico. “O evangelho da misericórdia”. In VIRGILI, Rosanna et alii. *Misericórdia – face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 37-96.

³ Deus como “pai” no AT: Dt 32,6; 2Sm 7,14; 1Cr 17,13; 22,10; 28,6; Tb 13,4; (Sl 27,10); Sl 68,6; 89,27; Sb 14,3; Sir 23,1.4; 51,10; Is 63,13; 64,7; Jer 3,4.19; 31,9; Ml 1,6; 2,10. No NT, Paulo sintetiza estas passagens em 2Cor 1,3 e Ef 3,14-15.

“pai”, apesar dos descaminhos de seus filhos e filhas. Ama-os com amor eterno e, por isso, insiste em perdoá-los e repropor-lhes aliança (cf. Jer 31,31-34).

■ O termo *piiedade* provém da consolação ou benignidade recebidas, sobretudo de Deus. Indica afeição e bondade intensas. Por isso, nas diversas edições da Bíblia, é traduzido por “misericórdia” ou “bondade”, aproximando-se do amor entranhado (*rahamin, splanchna*). Um dos mais belos textos em que o termo aparece, aliás no plural (*tôn oiktirmôn = as misericórdias*), é o louvor de Paulo: “Bendito seja o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação” (1Cor 1,3).

■ Já o termo *entranhas* provém das experiências de regeneração (nova gestação e novo nascimento), à semelhança do amor materno. Indo além do “coração” (*leb, kardia*), as entranhas remetem ao “útero” (*rahamin, splanchna*). Este termo traduz o caráter “generoso” da misericórdia: um amor com potência regenerativa: aproxima, perdoa, resgata, cura, refaz. É amor que reconstrói a vida (cf. Jer 31,9; Lc 15,22-24).

b) A “lectio divina” da misericórdia

O amor entranhado de Deus se dá a nós para gerar e regenerar a vida. Esta tem sido a experiência mais marcante do amor divino ao longo da Bíblia. Das Escrituras Judaicas recordamos: a teofania do Sinai, na qual Iahweh se declara “Deus de ternura e piedade, rico em graça e fidelidade” (Êx 34,6-9), o resgate da vida e da justiça pelo Ano da Graça (Lv 25), os salmos de perdão (Sl 6, 32, 38, 51, 103, 130, 143); o amor divino que conduz o Povo da Aliança (Sl 136); a consolação de Israel (Is 30,18-26; 35 e 40 inteiros); as obras de misericórdia em Is 58,3-12 e o hino ao Deus Amigo, jóia da literatura sapiencial (Sb 11,21-26).

Nas Escrituras Cristãs há muitas passagens. Citamos: os *cânticos* de Maria, Simeão e Zacarias, que glorificam o amor fiel de Deus pelos pequenos, pobres e famintos; o hino à caridade de 1Cor 13; o hino à misericórdia de Ef 2,4-10; as bem-aventuranças (Mt 5,1-12); a parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37) e as parábolas de misericórdia de Lc 15. Todos são inspiradores. Mas alguns estão marcados pela exemplaridade, na qualidade de *ensino autoritativo* de Jesus para os discípulos de ontem e de hoje: textos emblemáticos que solicitam nossa adesão e seguimento. Têm esse caráter a parábola do bom-samaritano – que detalha passo-a-passo o amor misericordioso ativo, desde o primeiro olhar de compaixão aos gestos concretos; como também a parábola do pai misericordioso – que retrata a extrema degradação da condição humana e o rosto de Deus como pai compassivo e fiel.

É interessante notar que todos esses textos convergem na exortação de Lc 10,37: “Vai e faze o mesmo”. Eis, pois, o caráter operante da misericórdia – à semelhança de Deus, que age misericordiosamente. Com isso, os textos nos mostram as “três graças” da misericórdia: *sua operosidade*: ela é uma obra eficaz;

sua bem-aventurança: ela estabelece na terra o Reino do céu; *sua alegria*: ela alegra quem a exerce e quem a recebe⁴.

c) Misericórdia em obras

Como vimos acima, muitos ditos e gestos de Jesus propõem que pratiquemos misericórdia. Dentre tantos, três passagens têm sido meditadas pela comunidade cristã, porque sugerem uma lista didática de obras de misericórdia:

- Inauguração do ano da graça em Lc 4,16-21: evangelizar os pobres, proclamar a libertação aos prisioneiros, recuperar a vista aos cegos, libertar os oprimidos. Quatro obras proféticas, que Jesus atua ao longo de sua vida messiânica.
- O sermão da montanha em Mt 5-6: consolar os aflitos, saciar quem tem fome e sede de justiça, promover a paz, praticar e ensinar a justiça, reconciliar-se com o próximo, repartir as posses com o necessitado, amar os inimigos, orar pelos perseguidores, praticar a esmola e perdoar as dívidas. Dez obras do Reino, centradas na exortação “bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (5,7).
- A justiça evangélica em Mt 25,31-46: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, acolher o forasteiro, vestir quem está nu, visitar os doentes e assistir aos prisioneiros. Seis obras, centradas na exortação “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (25,40).

Com o intuito de ensinar e santificar pela fidelidade ao Evangelho, a tradição eclesial condensou as obras de misericórdia numa dupla lista de sete. *Obras de misericórdia espirituais*: dar bom conselho a quem necessita, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as fraquezas do próximo, rogar a Deus pelos vivos e mortos. *Obras de misericórdia corporais*: dar de comer ao faminto, dar de beber ao sedento, vestir os maltrapilhos, abrigar os peregrinos, cuidar dos enfermos, visitar os encarcerados, sepultar dignamente os mortos.

d) O “toque”, sentido da misericórdia

Se as *entranhas* (útero e coração) são a sede interior da misericórdia, o sentido corporal do *tato* é sua sede exterior – remetendo às mãos e às obras. Como acenamos antes, a misericórdia se realiza em toques que regeneram. A

⁴ Todas as cenas de misericórdia em Lc 15 são coroadas pela alegria; e o apóstolo Paulo recomenda: “quem exerce misericórdia, faça-o com alegria” (Rm 12,8). A alegria, associada à misericórdia e à benignidade, é um fruto do Espírito Santo, que no-la dá nas suas consolações (cf. At 8,7-8; Rm 14,17; 2Cor 9,7; Gl 5,22).

Torá diz que Deus liberta seu povo com “mão forte e braço estendida” (Dt 26,8): assim como a parteira que tira a criança da estreiteza do útero, lahweh faz o povo nascer de novo, libertando-o do “sufoco” do Egito (em hebraico *Mitsraim* = de *tsaram* = estreiteza). Com seus toques de misericórdia, Deus restaura a vida do povo, à semelhança do oleiro que refaz o vaso rompido (Jer 18,3-6; Is 64,7).

O toque expressa cuidado; reparte o pão; estende a bênção. Com muito tato, o samaritano limpou as feridas do homem caído (Lc 10,34). Com o toque de suas mãos, Jesus alimentou os famintos, curou os enfermos e abençoou as criancinhas (Mc 7,32-33; 8,6; 10,13-16). Foi tocado pelo abraço que o filho se sentiu acolhido e resgatado por seu pai, que – compadecido ao vê-lo retornar – “correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (Lc 15,20). “Onde Jesus entrava, nos povoados, nas cidades ou nos campos, colocavam os doentes nas praças, rogando que lhes permitisse ao menos tocar nas franjas do *talit* – seu manto de oração. E todos os que o tocavam, eram curados” (Mc 6,56). Com toques de ternura, Maria unge os pés de Jesus (Jo 12,3). Com toques de amizade, Jesus lava os pés dos discípulos (Jo 13,5). Em Emaús e à beira do lago da Galiléia, Jesus toma o pão, abençoa e reparte: os discípulos o reconhecem, por causa de seu tato característico (Lc 24,30; Jo 21,12-13). Gestos que alimentam, curam e restauram, são toques de misericórdia⁵.

Da Bíblia – e mais claramente da missão salvadora de Jesus – decorre a misericórdia como missão da comunidade dos discípulos: “Vai e faze o mesmo!” (Lc 10,37). Este é nosso segundo passo discipular.

2. A MISERICÓRDIA COMO MISSÃO

Para nossa reflexão, nos remetemos a três pronunciamentos do magistério: *Dives in misericordia* (João Paulo II), *Deus caritas est* (Bento XVI) *Documento de Aparecida* (V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe).

a) *Dives in misericordia*

Considerando a missão da Igreja, a encíclica situa a evangelização no horizonte das inquietudes humanas para, depois, propor o apostolado da misericórdia como oferta de salvação e realização plena da justiça. Entre as fontes de inquietude para o mundo de hoje, estão: a violência, as armas atômicas, a tortura, a ameaça biológica, a miséria, a fome, a mortalidade infantil e o subdesenvolvimento. À origem de tudo, João Paulo II denuncia um sistema de

⁵ À luz de Ef 2,8-10 e Gl 5,6 as “obras de misericórdia” são o testemunho diaconal e sacerdotal do Povo de Deus, ungido pelo batismo. Assim, temos um consenso ecumênico sobre o valor das “boas obras” – enquanto obras da fé suscitadas pela graça – que atuam o amor evangélico (*ágape*). Portanto, não há contradição entre Paulo e Tiago.

iniquidade: os recursos militares que podem causar a destruição parcial da humanidade; os perigos da civilização materialista, que aceita o primado das coisas sobre a pessoa; a sujeição de indivíduos e de inteiras sociedades por parte de quem dispõe da força e dos métodos de coação; as várias formas de opressão que privam a pessoa de sua liberdade interior e da possibilidade de manifestar publicamente suas convicções éticas, políticas e religiosas; o estado de desigualdade entre ricos e pobres que, além de perdurar, aumenta. Estes são os mecanismos da iniquidade, que compõem a imagem do mundo de hoje, enredado de tensões e contradições⁶.

Diante disto, a encíclica interroga: "Será suficiente a justiça?" – Pois "muitas vezes os programas que têm como ponto de partida a idéia de justiça e que devem servir para sua atuação na convivência das pessoas, dos grupos e das sociedades humanas, na prática, sofrem deformações. E embora continuem, depois, a apelar para a mesma noção de justiça, a experiência demonstra, todavia, que sobre ela predominam certas forças negativas, como o rancor, o ódio e até a crueldade. Então, a ânsia por aniquilar o inimigo, por limitar a sua liberdade ou mesmo por lhe impor uma dependência total, torna-se o motivo fundamental da ação. E isto contrasta com a essência da justiça que, por sua natureza, tende a estabelecer a igualdade e o equilíbrio entre as partes em conflito. Esta espécie de abuso da idéia de justiça e a alteração prática da mesma demonstram o quanto a ação humana pode afastar-se da própria justiça, embora seja empreendida em seu nome"⁷. Esta prática trai o sentido verdadeiro da justiça e implanta o regime do "olho por olho, dente por dente"(Mt 5,38). Em nome desta pretensa justiça, muitas vezes se aniquila o próximo, se mata, se priva da liberdade e dos mais elementares direitos humanos - como nos dá prova a História. Donde a conclusão de Papa Wojtyła:

A experiência do passado e do nosso tempo demonstra que a justiça, por si só, não é suficiente. E mais: que ela pode levar à negação e ao aniquilamento de si mesma, se não se permitir àquela força mais profunda, que é o amor, plasmar a vida humana nas suas várias dimensões. Foi precisamente a experiência histórica que, entre outras coisas, levou à formulação do axioma: *summum ius, summa iniuria*. Esta afirmação não tira o valor à justiça, nem atenua o significado da ordem instaurada sobre ela; mas indica apenas, sob outro aspecto, a necessidade de recorrer às forças bem mais profundas do espírito, que condicionam a própria ordem da justiça.⁸

Para que a justiça seja de fato instaurada, sem desvios ou alteração prática, não pode referir-se apenas à ideologia, classe ou poder que a promove, mas àquela reserva ética e espiritual que é o amor, compreendido evangelicamente:

Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai, e vos será

⁶ Cf. DM n. 11

⁷ DM n. 12.

⁸ Ibidem.

perdoado. Dai, e vos será dado; será derramada no vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante, pois com a medida com que medirdes sereis medidos também (Lc 6,36-38).

Não se trata de uma alusão romântica ao Evangelho, mas de se atuar a misericórdia nas relações humanas e sociais, como fundamento último da justiça verdadeira. Fiel ao amor que a motiva, a misericórdia aplaca a vingança, resgata o outro e termina por realizar - em sentido pleno - a própria justiça. Esta é proposta de João Paulo II a partir da Revelação e da ética evangélica que, por sua vez, se fundam no agir salvífico do Deus de Jesus Cristo⁹. Por isso a Igreja assume a misericórdia como imperativo evangélico de sua missão, em três atitudes:

Professando-a em primeiro lugar como verdade salvífica necessária para uma vida coerente com a fé; depois, *procurando introduzi-la e encarná-la* na vida tanto dos seus fiéis, como, na medida do possível, na vida de todos os homens de boa vontade. Enfim, professando a misericórdia e permanecendo-lhe sempre fiel, a Igreja tem o direito e o dever de apelar para a misericórdia de Deus, *implorando-a* perante todas as formas de mal físico ou moral, diante de todas as ameaças que obscurecem o horizonte de vida da humanidade contemporânea.¹⁰

Esta missão exige o empenho constante da Igreja, tanto em nível de consciência quanto de ação. Assim como a sociedade não garante a justiça referindo-a apenas à lei e aos mecanismos políticos, também a Igreja não pode ser – de modo autônomo – fonte da misericórdia proclamada. A Igreja – qual *ministra salutis* (servidora da salvação) – enraíza a sua proclamação na Revelação do amor de Deus em Cristo, continuando assim o *munus* recebido desde os apóstolos:

É preciso que a Igreja de nosso tempo tome consciência mais profunda e particular da necessidade de dar testemunho da misericórdia de Deus, em toda a sua missão, em continuidade com a tradição da Antiga e da Nova Aliança e, sobretudo, no seguimento do próprio Cristo e dos seus apóstolos.¹¹

Temos, aqui, três referências inspiradoras para o testemunho da misericórdia por parte da Igreja: Aliança, seguimento a Cristo, *munus* apostólico. Todas, por sua vez, radicadas no amor salvífico do Pai, fonte primeira da misericórdia¹². A missão da Igreja não se esgota nela mesma, mas no testemunho universal da misericórdia que o Pai derrama sobre a humanidade. Misericórdia realizada em Cristo e por ele confiada ao ministério eclesial, para que seja proclamada na *verdade*, encarnada na *prática* e implorada na *oração*. Encontrar por estas vias a misericórdia divina, é encontrar o rosto do Pai:

⁹ Cf. DM n. 12 e 14.

¹⁰ Prólogo do capítulo VII: "A misericórdia de Deus na missão da Igreja".

¹¹ Ibidem.

¹² O Pai é "fons magnifici ipsius amoris misericordis", e Jesus é o messias que nos abriu esta fonte: "qui nobis ab eo est apertus" (DM n. 14): AAS 72(1980), p. 1223.

De acordo com as palavras que Cristo dirigiu a Felipe, a visão do Pai - visão de Deus mediante a fé - tem precisamente no encontro com a sua misericórdia um momento singular de simplicidade e verdade interior, como aquele que nos é possível ver na parábola do filho pródigo.¹³

Ao que João Paulo II acrescenta:

A Igreja professa a misericórdia de Deus, a Igreja vive dela na sua vasta experiência de fé e também no seu ensino, contemplando constantemente a Cristo, concentrando-se nele, na sua vida e no seu evangelho, na sua Cruz e Ressurreição, enfim, em todo o seu mistério. Tudo isto, que forma a visão de Cristo na fé viva e no ensino da Igreja, aproxima-nos da "visão do Pai" na santidade da sua misericórdia.¹⁴

Deste modo, a frase de Cristo – "quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9) – pode ser aplicada também à Igreja. Sempre que alguém experimenta a misericórdia mediante a sacramentalidade da Igreja, encontra o Pai e vê seu rosto. A Palavra, os sacramentos (sobretudo a eucaristia e a penitência), a piedade autêntica (como o culto ao Coração de Jesus) e a prática do amor fraterno¹⁵, fazem da Igreja um *ícone* da misericórdia divina. Isto se concretiza no seu apostolado, especialmente quando ela ministra a reconciliação, no perdão e na caridade dispensados. Assim, a Igreja mostra a todos quanto "infinita e inexaurível é a prontidão do Pai em acolher os filhos pródigos que voltam à sua casa"¹⁶. Daí o perdão, a gratuidade e a solidariedade que devem caracterizar a práxis eclesial, especialmente no serviço aos pobres, aflitos e pecadores¹⁷, à imagem "daquele amor que é paciente e benigno, como o é o Criador e Pai"¹⁸.

b) Deus caritas est

Em sua primeira encíclica, o Papa Bento XVI discorre sobre o amor com duplo olhar: 1) A unidade do amor na criação e na história da salvação. 2) A prática do amor pela Igreja, enquanto "comunidade de amor". De estilo linear, conceitual e didático, esta encíclica tem uma *décolage* claramente joanina: "Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele. (...) Nós cremos no amor de Deus" (1Jo 4,16), que "amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único para que todo o que nele crer tenha a vida eterna" (Jo 3,16).

Enquanto *Dives in misericordia* parte da semântica judaica, *Deus caritas est* parte da antropologia subjacente à noção grega de *eros* e *ágape*. Neste sentido, a

¹³ DM n. 13.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Elementos citados no mesmo n. 13.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Traços de uma pastoral da misericórdia, na opinião de L. CHIARINELLI: "L'enciclica *Dives in misericordia* di Giovanni Paolo II", in F. TAGLIAFERRI: o.c., p. 12-13.

¹⁸ DM n. 13.

encíclica segue um fio preciso: “a cura [do eros humano] em ordem à sua verdadeira grandeza” pela via da “unidade”. Nem dualismo (corpo *versus* alma), nem reducionismo (o eros restrito à sexualidade)¹⁹.

A princípio, Bento XVI não aborda diretamente a misericórdia. Mas faz um recuo fundamental para nosso tema: ele assevera a unidade antropológica que marca a pessoa humana diante de si mesma, diante dos demais e diante de Deus. A reconciliação entre corpo e afeto, entre amor ascendente (*eros*) e amor descendente (*ágape*) é condição para o amadurecimento integral da pessoa, tornando-a um sujeito capaz de doação, entrega e generosidade – alicerces do amor misericordioso:

Na realidade, *eros* e *ágape* (amor ascendente e amor descendente) nunca se deixam separar completamente um do outro. Quando mais os dois encontram a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *Eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente (fascinação pela grande promessa de felicidade); depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais com ele, doar-se-á e desejará “existir para” o outro. Assim se insere nele o momento da *ágape*.²⁰

A adequada conjugação *eros-ágape* educa a pessoa à doação, seguindo a lógica do dom (e não da posse). Com *ágape*, o *eros* se torna amor oblativo – recuperando sua similitude com o amor divino original. A própria pessoa, quando ama assim, se faz dom para o outro. Daí a fidelidade e a generosidade típicas do amor de aliança, celebrado entre Deus e a Humanidade, bem como entre esposo e esposa (cf. Cântico dos Cânticos, Oséias, Ezequiel)²¹.

Então, sim, temos uma clara aproximação entre *Dives in misericórdia* e *Deus caritas est*: a afirmação de Jesus Cristo como encarnação do amor divino²². Bento XVI faz alusão direta às parábolas da misericórdia (especialmente de Lucas 15) e conclui que nelas Jesus faz uma “explicação de seu próprio ser e agir”²³.

Dali o texto evolui para o tema da *corporeidade* – colhido em dois momentos da vida do Redentor: sua encarnação e a eucaristia. Por que o tema da corporeidade? Porque foi em seu *corpo* que Jesus se fez todo dom por nós ao Pai, primeiramente em sua encarnação, depois na Última Ceia – dois momentos do único mistério pascal. A doação “corporal” de Jesus manifesta de modo palpável, histórico e real do amor apaixonado de Deus pela humanidade: amor em “ato oblativo”²⁴.

¹⁹ DCE n. 5.

²⁰ DCE n. 7.

²¹ Cf. DCE n. 6-10.

²² Cf. DM 6-13 e DCE 12-15.

²³ DCE n. 12.

²⁴ DCE 13.

Da oblação de Jesus na encarnação e na eucaristia (= oblação pascal) aprendemos que o amor toma corpo em nós, sempre que nos fazemos dom a exemplo do Senhor. Por isso a categoria “corpo” é fundamental nestas páginas da encíclica: na sua kênosis o Verbo se faz carne; na Ceia o mesmo Verbo se faz Cordeiro, alimentando-nos com seu Corpo e Sangue, para que também os remidos possam tornar-se um só corpo em comunhão: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1Cor 10,17)²⁵.

Esclarecida a *qualidade oblativa* do amor – sempre dom e dom de si – Bento XVI se volta aos evangelhos sinóticos, fixando-se em duas parábolas da misericórdia: o *bom samaritano* (Lc 10,25-37) e o *socorro aos pequeninos* (Mt 25,31-46). Ele não se estende numa exegese gradual²⁶, mas nos brinda com uma lição concisa de teologia da misericórdia:

A parábola do bom samaritano leva a dois esclarecimentos importantes. (1) Enquanto o conceito de “próximo” até então se referia essencialmente aos concidadãos e aos estrangeiros que se tinham estabelecido na terra de Israel – ou seja, à comunidade solidária de um país e de um povo – agora esse limite é abolido. Qualquer um que necessite de mim e eu possa ajudá-lo é meu próximo. (2) O conceito de próximo fica universalizado, sem, contudo, deixar de ser concreto: apesar de sua extensão a todos os homens, não se reduz à expressão de um amor genérico ou abstrato (o que seria em si mesmo pouco comprometedor), mas requer meu empenho prático, aqui e agora. Continua a ser tarefa da Igreja interpretar sempre de novo essa ligação entre distante e próximo na vida prática de seus membros.²⁷

Com este indicativo direto à missão da Igreja, Bento XVI conclui:

É preciso, enfim, recordar de modo particular a grande parábola do Juízo final, em que o amor se torna critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade de uma vida humana. Jesus identifica-se com os necessitados: famintos, sedentos, forasteiros, nus, enfermos, encarcerados. “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40). Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se numa unidade: no mais pequenino encontramos o próprio Jesus e – em Jesus – encontramos Deus.²⁸

Bento XVI afirma o caráter prático da misericórdia (tão límpido nas Escrituras) e o confia ao discernimento pastoral da Igreja, chamada pelo próprio Cristo a interpretar quem são os seus “próximos” no atual contexto missionário. Em outras palavras: o apostolado da misericórdia está na base da fidelidade da Igreja a Jesus, bem como na base de sua credibilidade perante o mundo!

²⁵ Este é o exato raciocínio da encíclica nos parágrafos 13-14.

²⁶ Diversamente de João Paulo II, em *Dives in misericordia* 33-44.

²⁷ DCE 15.

²⁸ *Ibidem*.

Esta primeira parte da encíclica se conclui com outra categoria, associada àquela da corporeidade: a categoria do olhar. Pois o *olhar* é um sentido bíblicamente referido à compaixão²⁹, como o *toque* se refere à misericórdia³⁰.

Estas linhas do documento são muito sugestivas. Bento XVI cita 1Jo 4,20: “Se alguém disser ‘Eu amo a Deus’, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão ao qual vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?”. E acrescenta: “O amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus; e o fechar os olhos diante do próximo nos torna cegos também diante de Deus”³¹. Depois, seguindo a via do olhar – sempre ligado à compaixão – ele conclui:

Revela-se, assim, como é possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus na Bíblia. Consiste precisamente no fato de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada e quem nem sequer conheço. Isso só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus: um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não apenas com meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. Seu amigo é meu amigo. (...) Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa.³²

Na sua segunda parte, a encíclica vai traduzir a *caridade* em programa de apostolado social, inteligente e articulado. O exercício da caridade se configura como verdadeiro serviço (*diaconia*), estruturado e inteligente, tão importante quanto os sacramentos e a escuta da Palavra de Deus³³. Tal serviço é ao mesmo tempo promoção da justiça, a cujas exigências a caridade busca responder, sobretudo no cuidado com os mais pobres da sociedade. “Neste ponto, política e fé se tocam” no “empenhar-se pela justiça”³⁴. O serviço da caridade supera o mero assistencialismo, para se organizar como promoção humana integral – “um verdadeiro humanismo”, dirá Bento XVI³⁵. Além disso, é um espaço de testemunho ecumênico, quando diferentes Confissões cristãs se comprometem conjuntamente em “fazer triunfar o respeito pelos direitos e necessidades de todos, especialmente dos pobres, humilhados e desprotegidos” (30).

c) Documento de Aparecida

Fruto da V Conferência Geral do episcopado da América Latina e Caribe, este documento propõe a renovação missionária da Igreja – comunidade de

²⁹ No corpo, o *olhar* é o sentido próprio da compaixão: Mt 9,18-34; 14,14; Lc 7,13; 10,33; 15,20.

³⁰ No corpo, o *toque* é o sentido próprio da misericórdia: Mc 6,56; 7,32-33; 8,6; 10,13-16.

³¹ DCE n. 16.

³² DCE n. 18.

³³ DCE n. 25.

³⁴ DCE n. 28, conjugando amor e justiça, semelhante a DM n. 69-77.

³⁵ DCE n. 30.

discípulos. Lançando um olhar evangélico sobre os povos latino-americanos, o *Documento de Aparecida* reconhece uma série de “rostos sofredores que devem doer também em nós”: pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, migrantes, enfermos, dependentes de droga, encarcerados³⁶. O texto educa à compaixão e propõe a misericórdia para com todos, preferencialmente os mais pobres. Optar por estes irmãos mais necessitados não é um ato ideológico ou classista, mas expressão de autêntico amor evangélico: “Pois eu estiva com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me” (Mt 25,35-36). Deste modo se realiza “a caridade que em qualquer lugar anima gestos, obras e caminhos de solidariedade para com os mais necessitados e desamparados”³⁷. Só assim se pode denominar a América Latina como “continente da esperança e do amor”³⁸.

O documento faz sério discernimento pastoral do presente contexto latino-americano e apela para soluções criativas e organizadas do amor evangélico³⁹. Não basta uma pastoral de conservação! Importa avaliar nossas práticas e renovar nosso apostolado com “a luminosidade da verdade, a prática da justiça e da caridade”⁴⁰. Assim, as tradicionais *obras de misericórdia* ganham nova feição, traduzindo-se em afirmação da dignidade humana, defesa incondicional da vida, promoção do bem comum, justa distribuição de renda, inclusão social, defesa dos direitos humanos, acesso aos bens culturais, salário justo e segurança alimentar⁴¹. Tudo isto solicita da Igreja uma pastoral criativa e articulada, feita de planejamento e competência⁴².

A misericórdia inclui, igualmente, uma espiritualidade centrada no amor⁴³ e o testemunho operante deste mesmo amor:

O amor de misericórdia para com todos os que vêm vulnerada a sua vida, em qualquer de suas dimensões – como nos mostra o Senhor em todos os seus gestos de misericórdia – requer que socorramos as necessidades urgentes, ao mesmo tempo que colaborem com outros organismos ou instituições para organizar estruturas mais justas nos âmbitos nacionais e internacionais. É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidades para todos. Igualmente, requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais.⁴⁴

³⁶ DAp 404-430.

³⁷ Recuando para DAp 7.

³⁸ DAp 127-128.

³⁹ Cf. DAp 409.

⁴⁰ DAp 5.

⁴¹ DAp 358-359.

⁴² DAp 162, 172, 174, 372,

⁴³ Cf. DAp 517c e 543.

⁴⁴ DAp 384.

Depois, os bispos alertam:

A misericórdia sempre será necessária, mas não deve contribuir para criar círculos viciosos que sejam funcionais para um sistema econômico iníquo. Requer-se que as obras de misericórdia sejam acompanhadas pela busca da verdadeira justiça social, que vá elevando o nível de vida dos cidadãos, promovendo-os como sujeitos de seu próprio desenvolvimento.⁴⁵

Examinados estes três documentos do magistério, damos nosso terceiro passo, concluindo com o apostolado animado por carismas de misericórdia.

3. CARISMAS DE MISERICÓRDIA

Desde a Bíblia até o magistério recente, insiste-se na misericórdia como obra de todos os batizados. Contudo, dentre estes, há pessoas, comunidades e fundações marcadas por um particular “carisma de misericórdia”. No Brasil, estas iniciativas se inserem na ação evangelizadora das Igrejas nacionais e locais, mas têm um caráter específico porque se centram (por vocação ou ministério) nas obras de misericórdia, atualizadas em novos contextos. Para sermos breves, classificamos estes *carismas de misericórdia* em três âmbitos: 1) pastorais organizadas; 2) comunidades missionárias; 3) iniciativas ecumênicas.

a) Pastorais Organizadas

No Brasil, há dezenas de Pastorais Organizadas que desenvolvem o serviço da caridade, da justiça e da paz – hoje compreendido como específico ministério eclesial. A lista da CNBB soma vinte organismos e projetos:

- Conselho Missionário Nacional (Comina)
- Fundo Nacional de Solidariedade
- Caritas Brasileira
- Campanha da Fraternidade, anual, no período da Quaresma
- Mutirão de Superação da Miséria e da Fome
- Movimento de Educação de Base (MEB)
- Pastoral da Criança, reconhecida inclusive pela UNICEF
- Pastoral do Menor
- Pastoral da Sobriedade
- Pastoral Carcerária
- Pastoral da Mulher Marginalizada
- Pastoral dos Nômades
- Pastoral dos Pescadores
- Pastoral da Pessoa Idosa
- Pastoral da Saúde

⁴⁵ DAp 385.

- Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM)
- Comissão Pastoral Operária (CPO)
- Comissão Pastoral da Terra (CPT)
- Comissão Brasileira de Justiça e Paz
- Comissão Episcopal para a Amazônia
- Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz

Desde sua coordenadoria nacional – junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – até sua incidência imediata nas Igrejas Locais, estas Pastorais envolvem uma rede extensa e bem articulada de obras, institutos, voluntariados, organizações não-governamentais e programas de ação. Eu acrescento, entre inúmeras outras iniciativas, a *Casa Vida* (atendimento a crianças portadoras de HIV, coordenada pelo Pe. Júlio Lancelotti, em São Paulo, SP) e a *Cidade dos Meninos* (mentida pela Conferência Vicentina, para crianças e jovens carentes, em Belo Horizonte, MG). Cada qual atende a sujeitos e necessidades específicos, atualizando as obras indicadas por Jesus em Mt 25,35-36.

b) Comunidades missionárias

Como nos demais países latino-americanos, o Brasil conta com centenas de Institutos seculares e Congregações religiosas dedicadas às obras de misericórdia. Seria pretensioso enumerá-las uma a uma. Presentes em todo o território nacional, com atuação em redes de apostolado, integrando voluntariado leigo, profissionais, técnicos e agentes qualificados de pastoral. Várias destas fundações se integram harmonicamente à Igreja Local, colaborando com a pastoral diocesana. Outras seguem gestão própria, sobretudo quando dedicadas a serviços muito específicos, como saúde, alimentação, educação preventiva, apoio a mães gestantes, população de rua, aidéticos, migrantes, dependentes químicos e outros. Todas fazem referência carismática à misericórdia, animada por suas respectivas espiritualidades (redentorista, franciscana, carmelita, missionária, vicentina, clarissa, xaveriana, Coração de Jesus, etc).

Fenômeno a destacar, é o surgimento de muitas “novas comunidades”, de fundação predominantemente leiga, dedicadas ao serviço da misericórdia. Cito apenas algumas, consciente de que a lista se amplia pelo Brasil: *Toca de Assis* (moradores de rua), *Comunidade Abbá Pai* (dependentes químicos e moradores de rua), *Comunidade Coração Novo* (famílias, encarcerados e moradores de periferia), *Aliança de Misericórdia* (moradores de rua e população carente), *Comunidades Bethânia*, *Fazendinha de Jesus* e *Fazenda da Esperança* (todas dedicadas a dependentes químicos).

No âmbito do *Movimento da Divina Misericórdia* desenvolvem-se comunidades de apostolado e outras iniciativas. Além dos Santuários da Divina Misericórdia – com sua ação pastoral e missionária – alguns núcleos do movimento amadureceram práticas de testemunho, fundando Casas ou Centros de obras de misericórdia, especialmente para população carente das cidades.

c) Iniciativas ecumênicas

No Brasil, estão em andamento várias iniciativas ecumênicas de ministério da misericórdia. Há uma rede de organizações (eclesiais ou autônomas) que promovem ações inter-confessionais no campo da saúde, educação popular, banco de alimentos, mães pobres, moradores de rua e tóxico-dependentes. Para sermos breves, cito os projetos e organismos que contam com participação católica oficial:

- Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE): 450 mil atendidos anuais
- Campanha Ecumênica das Cisternas, para populações de região seca
- Década Ecumênica de Superação da Violência: educação para a paz
- Centro Ecumênico de Ação e Reflexão (CEAR), com projetos locais de assistência e geração complementar de renda
- Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2000: fraternidade e paz
- Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2005: dignidade e paz
- Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2010: economia, ética e paz

Nas bases, há ações ecumênicas que integram pessoas dessas instituições, membros de “novas comunidades”, Pastorais Organizadas e de outras Confissões cristãs. Por exemplo: Pastoral da Criança, Pastoral dos Nômades, Projeto “Pastores de Misericórdia” e outras iniciativas por ocasião das Campanhas da Fraternidade Ecumênicas.

Conclusão:

Fica evidente que a misericórdia, quando bem compreendida, articula amor e justiça, devoção e apostolado. É um elemento eficaz na pastoral da Igreja, alimentada na espiritualidade bíblica e animada por carismas específicos. As obras de misericórdia – adequadamente atualizadas – testemunham nossa fidelidade a Jesus Cristo e alicerçam a credibilidade da Igreja perante o mundo. Além disso, tais obras abrem vias inéditas de testemunho ecumênico, quando promovidas em colaboração por diferentes Confissões cristãs. Sem dúvida, a misericórdia é uma bem-aventurança, profecia e terapia para a humanidade de hoje.

Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ (Brasil).

Docente de teologia na Faculdade Dehoniana
Assessor para diálogo ecumênico e inter-religioso da CNBB
Editor da revista “TQ – Teologia em Questão”
Enviado da CNBB ao Evento